



A memória do movimento punk rock em Juiz de Fora:
Uma análise da revista *Bizzu* e de fanzines nos anos 1980

Susana Azevedo Reis¹
Christina Ferraz Musse²

Resumo curto:

Este trabalho tem como objetivo estudar e compreender as narrativas e produções de sentido que envolveu a cena punk da cidade de Juiz de Fora, durante a década de 1980, através de publicações alternativas que os próprios grupos produziam: a revista *Bizzu* e fanzines como *Alerta Punk* e *Aos Berros*. Para isso, iremos analisar o conteúdo dos impressos através da metodologia de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin e utilizar a metodologia da história oral.

Resumo expandido:

O movimento punk-rock eclodiu em todo o mundo nas décadas de 1970 e 1980, ganhando adeptos em Juiz de Fora no início da década de 1980 e gerando diversas produções culturais, entre festivais de músicas e impressos sobre o estilo. Nossa pesquisa objetiva entender como esses grupos punks na cidade se representavam através de publicações alternativas que os próprios grupos produziam: a revista *Bizzu* e fanzines como *Alerta Punk* e *Aos Berros*. Nossa principal questão é: “Como o movimento punk de Juiz de Fora utilizou-se da mídia impressa alternativa para se representar? A cena punk não aparecia na mídia tradicional ou essas publicações alternativas apenas queriam complementar ou discordar daquilo que estava escrito nos grandes jornais?” Nossa hipótese é de que esses jovens eram mencionados na mídia tradicional por jornalistas, mas eram representados para a sociedade, e não para si próprios. Os jornais tradicionais buscavam explicar para a cidade o que eram os punks, enquanto a revista *Bizzu* e as fanzines eram alternativas encontradas pelo movimento de manter a identidade punk dentro do círculo do grupo, escrevendo matérias que consolidava a unidade e as ideologias dos indivíduos que eram da cena punk da cidade.

O movimento surgiu no final de 1970 na Inglaterra, e era composta principalmente por jovens do subúrbio. Para Helena Wendell Abramo, a juventude é o estágio em que o indivíduo se estabelece na vida social, fica ciente de seus direitos e deveres, de suas responsabilidades e de sua independência. O jovem é aquele que ainda não saiu completamente da infância e nem se inseriu na fase adulta, e não há uma demarcação explicitamente definida dessa passagem, o que leva Abramo a considerar uma fase ambígua. Porém, é nessa etapa em que o jovem começa a construir sua identidade, encontra os grupos com mais afinidades e se encontra isolado e fora do sistema dos adultos.

¹ Discente do 1º ano do Mestrado em Comunicação da UFJF, Linha de Pesquisa Cultura, Narrativa e Produção de sentido. Bolsista. E-mail: susana.reis360@gmail.com.

² Professor(a) orientador(a). E-mail: _____



O pesquisador português José Machado Pais acredita que a juventude é encarada pelo senso comum como uma fase de vida do indivíduo, onde reina uma instabilidade associada a certos problemas sociais. Apenas quando esses jovens se tornam responsáveis, conseguem um trabalho, ocupações conjugais e pagam suas despesas, se tornam adultos (PAIS, 2003). O período da juventude se torna assim, um problema social, pois os jovens estão cercados de dúvidas e descobertas, que envolvem desde questões como trabalho e desemprego, a drogas e sexo.

No início, o punk era a denominação dada às bandas inglesas que em 1976 e 1977 começaram a tocar um rock simples e rápido, com o vocal violento, usando instrumentos sem muita técnica ou equipamentos sofisticados e sintetizador. As letras eram de críticas, denúncias políticas, um radicalismo contra a indústria cultural e a violência. “Aparece como uma nova subcultura juvenil que se articula ao mesmo tempo em torno de uma reversão musical dentro do rock, e de um modo de vestir inusitado e extremamente anormal” (ABRAMO, 1994, p. 43).

Os punks afastaram qualquer partido político ou representação social, seguindo o lema Do It Yourself. Possuíam uma fala com um tom obscuro, acreditando num futuro distópico, onde a sociedade estaria organizada de forma opressiva e totalitária, o oposto da utopia. “A estética punk que privilegia o sujo, o escuro, a violência, visa representar o produto mais puro da civilização moderna enquanto dejetos” (GALLO, 2010, p.288). Criticavam a podridão do mundo, o consumo de massa, a indústria cultural através de suas roupas, suas atitudes e da música.

Para nossa análise, serão utilizadas entrevistas em profundidade empregando a metodologia da história oral, para buscarmos as histórias que as páginas desses impressos não podem contar. Iremos entrevistar personagens que se envolveram com a cena punk, principalmente aqueles que participaram da produção dos impressos. Também utilizaremos metodologicamente a análise de conteúdo nesse trabalho, a partir do panorama histórico e da descrição oferecida pela pesquisadora Laurence Bardin (2011). O objetivo principal desse conjunto de métodos é buscar o que está oculto no texto que será analisado, decodificando a mensagem, para melhor entendimento do conteúdo. Assim, poderemos compreender mais profundamente o conteúdo dos impressos analisados.

A pesquisa ainda está em andamento. No momento ocorre a leitura de conteúdos sobre a temática, para podermos compreender ainda mais sobre o movimento punk. Além disso, já estamos buscando entrevistados que poderão participar das entrevistas e estamos analisando os impressos superficialmente. Os próximos passos serão as entrevistas e o começo da escrita da qualificação.

Palavras-chave: Imprensa. Narrativas. Movimento Punk. Bizzu. Identidade

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano.** São Paulo: Página Aberta, 1994

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70. 2011.



GALLO, Ivone. Por uma historiografia do punk. **História, Historiadores, Historiografia**. Projeto História nº 41. Dezembro de 2010

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2^a edição. Lisboa. Imprensa Nacional casa da Moeda. 2003